



Tania C. de Araújo-Jorge

Discurso de posse na direção do Instituto Oswaldo Cruz, 25 de maio de 2005.

Boa tarde a todos, e obrigada pela presença. Agradeço especialmente a presença de todos os membros da alta direção da Fundação Oswaldo Cruz, nossa presidência e seus diversos organismos assessores, os diversos diretores de Unidades da Fiocruz que aqui vieram estar conosco nesse momento especial.

Estar aqui nessa cerimônia é uma enorme alegria, uma imensa emoção e uma incomensurável responsabilidade. Estamos todos aqui, no auditório da nossa casa, decorado com o retrato dos outros cientistas que antes de nós construíram a história dessa casa, desse Instituto, desse sonho. Tomar posse na posição que já foi de Oswaldo Cruz, de Carlos Chagas, de Cardoso Fontes e tantos outros que fizeram a história da saúde pública e da biologia experimental no Brasil, é para nós, antes de tudo, uma grande honra.

Não vai ser fácil expressar em palavras tudo o que estamos sentindo nessa cerimônia de posse, e por isso escrevi esse roteiro, para que a emoção não me paralise e eu consiga me comunicar minimamente com todos vocês. E como sabem que venho do campo da produção de imagens, pretendo fazer desse discurso uma apresentação, no mesmo estilo em que dou minhas aulas.

Apreendi com nosso mestre Henrique Lenzi e quero começar minha fala tocando para vocês uma música de Arnaldo Antunes e Gilberto Gil, que costumo tocar na minha disciplina "Ciência e Arte". Chama-se "A ciência em si", foi feita há 10 anos, e está gravada no álbum Quanta, com que nosso ministro ganhou um Grammy. Um dos trechos diz:

Se toda coincidência tende a que se entenda
E toda lenda quer chegar aqui
A ciência não se aprende
A ciência apreende
A ciência em si
Se toda estrela cadente cai pra fazer sentido
E todo mito quer ter carne aqui
A ciência não se ensina
A ciência insemina
A ciência em si

Essa cerimônia é a lenda chegando aqui. Essa cerimônia é o mito em carne aqui. E para não esquecer ao final, começo direto com os agradecimentos a todos os colegas e setores que me cederam imagens para a preparação dessa apresentação. Agradeço muitíssimo a todos eles e elas.

Ser a primeira mulher cientista a assumir a diretoria do Instituto Oswaldo Cruz, especialmente após um processo eleitoral competitivo, participativo, e no qual conseguimos 61% dos votos indicando uma vitória expressiva nesse turno único, é acrescentar uma página a mais nessa história iniciada por Oswaldo Cruz e continuada por todos os que lhe seguiram. Por meio de alguns trechos do livro organizado pelo Profs José Rodrigues Coura, Luiz Fernando Ferreira e Wladimir Lobato Paraense editado na comemoração do centenário do IOC e da Fiocruz, revisitamos um pouco essa história, para beber dessa fonte e alicerçar nela nossos compromissos, antes de campanha, agora de gestão à frente da diretoria do IOC.



Como expressa nosso castelo, o castelo do Instituto Oswaldo Cruz, o castelo sede da Fundação Oswaldo Cruz, o Instituto não é só a concretização do sonho de Oswaldo Cruz, um castelo das mil e uma noites que abriga uma escola de Medicina Experimental

O castelo é também a origem, a célula mater, a célula tronco, para sermos mais modernos, do grande complexo chamado Fundação Oswaldo Cruz.

O Instituto foi criado em 25 de maio de 1900 como Instituto Soroterápico Federal e desde o início teve sua vocação voltada para a pesquisa biomédica como base para a solução dos vários problemas de saúde pública que assolavam o Brasil no final do século 19, como a ameaça da peste bubônica que entrava pelo porto de Santos, da febre amarela e da varíola, que grassavam no Rio e em outras cidades portuárias impedindo o comércio exterior e o desembarque de estrangeiros, pois os portos brasileiros eram considerados insalubres. Nos conta o Dr. Coura, que o Templo da Ciência, simbolizado pelo castelo Mourisco, foi mandado construir por Oswaldo Cruz a partir de 1904 na colina da fazenda de Manguinhos, para demonstrar ao mundo a nova ordem da saúde pública brasileira. O Instituto ganhou o nome de seu grande diretor Oswaldo Cruz, em plena função e independente de sua vontade, pelo decreto do poder Legislativo número 1802, de 12 de dezembro de 1907, após a conquista pelo Brasil do 1º lugar entre 123 nações concorrentes à Exposição Internacional de Higiene em Berlim 1907. O Instituto promoveu inúmeras campanhas ao interior do país para estudos sobre diversas endemias brasileiras, e manteve inúmeras colaborações com diversos outros centros de investigação que vieram sendo criados no Brasil, especialmente a partir da década de 50, década que marca o início do crescimento da ciência em âmbito nacional, pela criação do CNPq e da Capes. Os atuais Centros Regionais da Fiocruz na Bahia e em Minas foram criados na década de 50.

O Instituto permaneceu como instituição autônoma até 1970, quando o decreto número 66624 do governo militar criou a Fundação Instituto Oswaldo Cruz, depois renomeada para Fundação Oswaldo Cruz. A Fiocruz reunia o Instituto Oswaldo Cruz, o Centro de Pesquisas René Rachou em BH, a Fundação Gonçalo Muniz em Salvador, o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães em Recife, o embrião de Far-Manguinhos, o Instituto Fernandes Figueira e a Escola de Saúde Pública, tendo o campus de Manguinhos como sede. Em 1976 é criado BioManguinhos, e em 1978 o INCQS, a partir da incorporação à Fiocruz do Laboratório Central de Controle de Drogas, Medicamentos e Alimentos. Aos poucos foram criados também outros órgãos de apoio à presidência e outras unidades técnicas para apoio administrativo, para criação de animais de laboratório e para informação e comunicação em saúde. Até 2002 o Hospital Evandro Chagas, hoje IPEC, era o Departamento Hospitalar do IOC.

Portanto, há 105 anos o Instituto vem incubando atividades e formando competências em quase todas as áreas de atuação da Fiocruz. Nesse grande complexo, podemos dizer com certeza, que a frase cunhada pelo presidente Paulo Buss em sua campanha também é a nossa frase: O IOC tem um grande orgulho de ser Fiocruz.

Por ser a mais antiga Unidade no campus de Manguinhos, o Instituto foi se desenvolvendo nesses 105 anos inicialmente em torno da área do castelo mourisco e depois para áreas um pouco mais distantes, estando de fato presente em todo o campus, como podemos ver nesse mapa do campus. Somos 16 departamentos científicos e mais vários setores de apoio, como ensino, informática, administração, experimentação animal, produção de imagens, planejamento, entre outros.



Mas também em números podemos ver a importância do Instituto Oswaldo Cruz na Fiocruz, com dados extraídos dos relatórios de gestão da presidência da Fiocruz, relativos a 2003, e a diretoria do IOC, relativos a 2004, e mostrados nesse diapositivo. Temos 69 laboratórios credenciados por avaliação externa. O Instituto é responsável por quase 40% da produção científica da Fiocruz, apesar de contar apenas com 15% de seu quadro de pessoal, sendo mais de 300 doutores. O Instituto apresenta também um impressionante vigor na formação de cientistas, com mais de mil teses já inscritas em nosso catálogo de teses, e 400 alunos na pós-graduação stricto sensu com matrículas ativas em 2004. Dos 49 Serviços de Referência da Fiocruz para órgãos nacionais, internacionais ou regionais, mais da metade está no IOC, 25 deles, tais como os serviços do departamento de Virologia com referência para o diagnóstico de Poliomielite, de vírus respiratórios e Sarampo, de Influenza, de Hepatites Virais, de Diarréias, de Enterovirose e de Dengue. A área de bacteriologia o IOC é referência em Hanseníase, no diagnóstico em Encefalites e Meningites, de Leptospirose, de Cólera e outras Entero-Infecções. O IOC é também referência nacional e internacional na Taxonomia de Triatomíneos, e na Tipagem de Leishmanias.

Os próximos dois diapositivos vão nos mostrar a mesma varanda do castelo Mourisco, na qual oitenta anos separam duas celebrações ocorridas no IOC na mesma varanda do castelo Mourisco: em 9 de maio de 1925, a visita de Albert Einstein a nosso Instituto, então sob a direção de Carlos Chagas, e no dia 5 de maio, a unidade das duas diretorias do IOC a que nos deixou hoje e a que assume hoje nessa festa. É história e alegria.

Mas o contexto científico e político em que assumimos é outro. A Ciência e a Tecnologia vêm sendo chamadas a dar respostas para desafios em contextos nacionais e internacionais. Problemas ambientais e epidemias locais se transformam rapidamente em questões globais, como aconteceu com a SARS. Questões econômico-financeiras geram novos alinhamentos industriais em insumos para a saúde. Paradigmas mudam, tecnologias mudam, métodos e equipamentos ficam obsoletos muito rapidamente. A ética e a biossegurança passam a ser questões da ciência, do Estado e da sociedade. Novos e antigos agentes infecciosos causam doenças que emergem e re-emergem. Terapias celulares e genéticas abrem novas expectativas na inovação biomédica. Saúde, Educação, Ciência e Tecnologia ocupam grande espaço de debate na sociedade, numa perspectiva de construção de políticas públicas que assegurem melhorias sociais para o povo brasileiro. Tudo isso compõe o cenário de fundo da atividade central do IOC: pesquisa, ensino e serviços de referência de qualidade no campo das doenças infecciosas e parasitárias, nas áreas biológica, biomédica, de medicina tropical e de saúde pública, como definido em nosso regimento.

No contexto da Fiocruz, temos nosso presidente re-eleito, e a Fiocruz entra em nova gestão fortalecida, com o V Congresso Interno convocado e um processo de renovação dos Colegiados Superiores da Fiocruz. A articulação política é essencial para a obtenção de recursos para a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico, e até para a valorização dos servidores e o atendimento de suas reivindicações. Nosso presidente realiza com maestria essa missão de articulador político, e há cerca de 10 dias recebeu num mesmo dia os ministros da Saúde, da Casa Civil e da Cultura. O novo prédio da Escola Politécnica foi inaugurado também com grande presença política, do presidente da república aos ministros da Educação e da Ciência e Tecnologia. Nessa imagem homenageamos também o diretor da Escola Politécnica da Saúde Joaquim Venâncio, meu querido companheiro André Malhão, reeleito em chapa única e empossado hoje, que nos dá a honra de sua presença nessa cerimônia.



Também foi no ano passado que começamos a nos articular melhor com o poder Legislativo, quando, por mediação da presidência da Fiocruz com a Comissão de Saúde e Educação da Assembléia Legislativa, tivemos o Palácio Tiradentes como sede do Simpósio do IOC sobre Ciência, Arte e Cidadania, que tive o prazer de organizar, transmitido ao vivo pela TV ALERJ, num alcance de público nunca imaginado antes por nós. Nessa foto, no plenário da ALERJ o presidente da SBPC, Prof. Ennio Candotti e o carnavalesco da Unidos da Tijuca, Paulo Barros discutiram a inserção da ciência no cotidiano das pessoas, numa mesa coordenada pelo prof. Luiz Edmundo Aguiar, do Cefet-Quimica e por mim. Ainda editaremos o CD-ROM com as integras dos debates.

É justamente essa conjuntura que nos dá a sensação de que temos uma tarefa hercúlea pela frente, ao assumir a direção do IOC. Para isso nos inspiramos numa citação feita pelo nosso mestre Henrique Lenzi durante o I encontro do IOC, em 2002. Ele nos lembrou as palavras de Thomas Stewart: *É hora de aprender tudo de novo. As organizações são sistemas humanos complexos. Com tal, são capazes de se adaptar, crescer e melhorar...* É o que temos que fazer: adaptar, crescer e melhorar. E acrescentando a música dos Titãs: *Só quero saber do que pode dar certo, não tenho tempo a perder.* Para tentar acertar, vamos beber de nossa história, consolidar nossa identidade e reafirmar nossos compromissos:

Nosso primeiro compromisso é o de seguir os exemplos de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, fazendo um planejamento de longo prazo. Juntos, eles dirigiram o Instituto por 32 anos, plantando e consolidando o projeto IOC. No início do século os mandatos das diretorias duravam mais do que quatro anos, diferentes de agora. Mas nosso compromisso é o de construir coletivamente um projeto para o IOC no século XXI, que ultrapasse nossa gestão, e nos aponte perspectivas estáveis para 10 anos, no mínimo.

Também está firmemente plantada em nossa história o compromisso com uma ciência que trabalha os problemas de saúde do Brasil. No início do século era com esses capacetes de tela que Oswaldo Cruz enfrentava o estudo de campo com mosquitos da febre amarela, e era com um microscópio similar ao de Pasteur que Carlos Chagas descrevia o *Trypanosoma cruzi*, que hoje nos parecem até mais bonitos vistos por nossa colega Helene Barbosa ao microscópio eletrônico de varredura. Portanto no Projeto IOC 2015 que pretendemos construir, o compromisso de fazer ciência de qualidade voltada para as necessidades de saúde do povo brasileiro está firmemente plantado em nossas vontades.

Também foi em nossa história que aprendemos que nem sempre a sociedade aceita sem resistências o que a ciência considera correto. Foi assim na revolta da vacina e com essa reflexão aprendemos que é essencial o diálogo da ciência com a sociedade.

De modo geral as pessoas não percebem o cientista como uma pessoa comum, que trabalha, faz compras no supermercado, ama, tem problemas financeiros, enfim, como todos nós. Esses são desenhos de alunos num trabalho feito no IOC sobre a seu olhar sobre professores e cientistas. Ainda somos vistos como os loucos, fora da realidade, enfiados em nossos laboratórios. Hoje a comunidade científica percebe claramente que a informação e a divulgação são essenciais para trocarmos saberes e estabelecermos esse diálogo com a sociedade.

Há mais de 20 anos já vimos atuando em divulgação científica. Ajudamos a criar o Espaço Ciência Viva e, junto com a Fiocruz, levar ciência para praças, ruas, escolas e campings. Essas fotos de 23 anos atrás mostram Solange Castro e Genilton Vieira se transformando em astrônomos em pleno Largo do Machado. E a ciência ocupando as manchetes dos jornais num espaço que hoje é dedicado à polícia. Os microscópios do IOC já subiram até o morro do



Salgueiro. E essa é uma imagem dessa diretora que lhes fala agora, falando há 22 anos atrás sobre células para um público de pé, em plena praça Saens Pena, não habituado a viagens intracelulares. Participamos da primeira aventura de junção da área biotecnológica com a área de divulgação, numa feira de Biotecnologia que levou milhares de estudantes ao Riocentro para ver o Pavilhão da Vida, onde a celebridade era uma célula gigante em que as pessoas podiam entrar dentro. Sonho nosso, realidade para os estudantes que lá estiveram. Essa célula gigante foi aperfeiçoada e remontada no Espaço Ciência Viva, palco da visita e da brincadeira de muitos estudantes dos anos 89 e 90, e depois aperfeiçoada ainda mais no Museu da Vida, integrada ao setor de Biologia celular. Foi a primeira de muitas parcerias do IOC com o Museu da Vida. Esse ano, a Expo Interativa promovida pela Fiocruz sob a impecável coordenação do Prof. Paulo Gadelha deu mais uma demonstração do importante significado que essas ações têm para a sociedade e para nossa interlocução com ela. Hoje são muitos os setores do IOC que participam desse diálogo com a sociedade, cuja expressão maior é o Fiocruz pra você, que acontece todos os anos e que acontecerá de novo no próximo dia 11 de junho.

Mas não só as alegrias preenchem as páginas da história do Instituto Oswaldo Cruz. Em 1968 vivemos um Massacre, episódio conhecido e registrado em nossa História recente como o Massacre de Manguinhos, quando laboratórios foram fechados e cientistas foram perseguidos e tiveram seus direitos políticos e civis cassados. Hoje pela manhã, durante a cerimônia de posse coletiva, ouvimos o depoimento emocionado do Prof. Eduardo Oswaldo Cruz, sobre a pressão que essa perseguição exerceu sobre Walter Oswaldo Cruz, causando sua morte prematura. Na época não havia a segurança das eleições diretas que já conquistamos hoje, e o então Ministro da Saúde do governo militar foi o interventor na direção do IOC. Seu retrato figura entre os dos ex-diretores para não nos deixar esquecer esse episódio. Nossos cassados:

- | | |
|----------------------------|--|
| 1. Augusto Perisse | 6. Hugo de Souza Lopes |
| 2. Domingos Machado | 7. Masao Goto |
| 3. Fernando Ubatuba | 8. Moacyr Vaz de Andrade |
| 4. Haity Moussatche | 9. Sebastião José de Oliveira |
| 5. Herman Lent | 10. Tito Arcoverde de Albuquerque |

Esse episódio, encerrado 18 anos depois com a reintegração plena dos cassados em 5 de agosto de 1986, marcou profundamente nossa história e com ela temos a certeza de que democracia e liberdade são pré-requisitos para a expressão e a criatividade.

Com essa imagem prestamos nossa homenagem a esses colegas, e ao presidente que re-introduziu a luta democrática na Fiocruz, nosso saudoso Sérgio Arouca. Muitos de nós vivemos esse momento alegre da re-integração dos nossos companheiros cassados, que trabalharam de novo entre nós até bem pouco tempo. O último nos deixou no mês passado ao Prof. Sebastião Oliveira, nossa homenagem, em memória dos outros 10 cientistas de Manguinhos perseguidos pela ditadura militar por pensar e discordar.

Mas além desses problemas, hoje os cientistas do IOC convivem também com outros. Temos que lutar por paz na área de nosso campus, cercado de violência por todos os lados, num ambiente de insegurança compartilhado por todos nós e pelos habitantes de todas as favelas que hoje são nossas vizinhas na antiga fazenda de Manguinhos. Essa imagem é do ato pela Paz, organizado pela Fiocruz após o assassinato dos vigilantes que faziam a segurança



do prédio anexo da Fiocruz no outro lado da Av. Brasil. Todos nós trabalhamos inseguros, movidos por paixão pela ciência mas ao mesmo tempo extremamente inseguros.

E há também outros problemas, para os quais cabe mais a nós a resolução. Trouxe imagens de um laboratório do IOC onde os pesquisadores e estudantes não têm espaço sequer para se reunir e discutir os problemas. Revezam horários nas bancadas, se reúnem em pé, se olham por meio as estantes de reagentes. Trouxe também imagens das balas que atravessam nossas janelas e nos obrigam a fechá-las e blindá-las. Por vezes perfuram estantes que abrigam nossos animais infectados. Algumas imagens são dramáticas, com laboratórios sem espaços adequados, superlotados de materiais e pessoas e em estado de conservação muito precário. Por isso, também como meta de nossa gestão, incluímos lutas internas e reivindicações de espaço, obras e conservação para assegurar condições para o desenvolvimento pleno dos projetos dos laboratórios do IOC.

Mas é na continuidade do bom trabalho já realizado que pautamos nossos principais compromissos. E aqui prestamos uma grande homenagem àquele que, dentre os ex-diretores dos quais ainda gozamos da companhia e do pensar, foi o que mais tempo dirigiu o IOC, quase como Oswaldo Cruz. O Prof. Coura, a quem devo meu ingresso no IOC em 1983, ao atender a indicação de Maria de Nazareth Meirelles, re-estruturou o Instituto, criou os departamentos, instituiu a prática de reuniões e debates no Conselho Departamental, hoje Conselho Deliberativo e consolidou em sua segunda gestão a prática de debates no Conselho Ampliado, em que todos os laboratórios juntos discutem os problemas. Em nossa gestão teremos mensalmente as reuniões do Conselho, toda primeira quarta feira do mês, deste Conselho que aqui tomou posse nesse ritual de passagem que acabamos de presenciar, e do Conselho Ampliado com todas as chefias de laboratório. A primeira reunião já está convocada, a partir de agora, para a próxima quarta, dia 1 de junho. O convite seguirá para os laboratórios amanhã.

Em nossa galeria de ex-diretores que ainda estão entre nós, destacamos algumas atividades que consideramos chaves em cada gestão, e que daremos desdobramentos. Ao Prof. Morel creditamos a concepção de equipamentos multi-usuários e o aprofundamento dos conceitos de relação entre pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Não é sem razão que é ele quem hoje coordena o projeto da presidência de instalação do Centro de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação em Saúde, com o qual queremos interagir fortemente, desde a concepção.

Na gestão do Prof. Sergio Coutinho tivemos o primeiro processo de credenciamento externo de laboratórios, cuja terceira edição foi concluída ano passado. Avaliar e reavaliar, criar, mudar e fechar. Sabemos fazer isso. E temos que lutar por condições adequadas de trabalho para esses laboratórios, para darmos consequência a essa pratica inédita e exemplar na Fiocruz.

Ao Prof. Cláudio Ribeiro creditamos o início do funcionamento das Câmaras Técnicas como assessoras da direção, e a concepção de que planejamento estratégico é essencial. Vamos radicalizar esses conceitos e adotá-los plenamente em nossa gestão.

Ao Prof. Renato Cordeiro creditamos a realização da experiência participativa do I Encontro do IOC, realizado em 2002 em Angra dos Reis. Também bebemos dessa fonte, inspirada por sua vez nos Congressos Internos da Fiocruz e no Colegiado de Dirigentes inventado por essa atual presidência. Faremos com certeza o II Encontro e quem sabe ainda o III. A pratica de debate coletivo no I encontro foi extremamente positiva para o IOC e levou



à consolidação de um relatório de diagnósticos e uma lista de soluções que será nosso guia para a gestão. Trouxe imagens do I Encontro, para nos lembrarmos do que fizemos e como. Nossa diretoria está integralmente comprometida com essa prática e com essas sugestões.

E aproveito um poema de Chico Xavier, que considero apropriado para essa situação: Ele diz:

A gente pode morar numa casa mais ou menos, numa rua mais ou menos, numa cidade mais ou menos, e até ter um governo mais ou menos.

A gente pode dormir numa cama mais ou menos, comer um feijão mais ou menos, ter um transporte mais ou menos, e até ser obrigado a acreditar mais ou menos no futuro.

A gente pode olhar em volta e sentir que tudo está mais ou menos.

Tudo bem.

O que a gente não pode mesmo, nunca, de jeito nenhum, é amar mais ou menos, sonhar mais ou menos, é ser amigo mais ou menos, é namorar mais ou menos, é ter fé mais ou menos, e acreditar mais ou menos.

Senão a gente corre o risco de se tornar uma pessoa mais ou menos.

Nossa diretoria vai correr todos os riscos para não fazer uma gestão mais ou menos. E para isso vamos começar ampliando nossa capacidade de ação com gente. Gente nossa.

Defendemos na campanha um esquema de funcionamento que foi aprovado nas urnas do IOC. Pretendemos funcionar com o núcleo diretor colegiado, sem hierarquias internas entre a direção geral que eu estou assumindo e as vice-direções, sem muita especialização e com muita integração entre nós quatro. Estruturamos a vice-direção de políticas institucionais, a cargo do Prof. Ricardo Lourenço de Oliveira, a vice-direção de desenvolvimento institucional, a cargo do Prof. Christian Niel, e a vice-direção de administração e recursos humanos, a cargo da Profa. Claude Pirmez. Pretendemos associar a esse núcleo às Câmaras Técnicas de Pesquisa, Ensino, Serviços de Referência, entre outras, às equipes de trabalho e às coordenações de serviços administrativos. Transversalmente a tudo isso trabalhará nossa ouvidoria, integrada à da Fiocruz, e nossa Comissão Interna de Biossegurança, acrescida da Comissão de Qualidade. Os coordenadores de cada uma dessas equipes integrarão nossa diretoria ampliada. Achamos que assim poderemos dar conta do recado.

Nos próximos diapositivos vamos reafirmar nossas metas e compromissos de gestão. No primeiro, para qualificar as atividades do IOC, vamos reestruturar e modernizar a administração, nos esforçar para solucionar problemas de compras, ampliar a captação de recursos externos, e aperfeiçoar o sistema de avaliação da produtividade. Pretendemos INTEGRAR Programas de Pesquisa existentes e INDUZIR Programas complementares; E elevar o nível dos cursos de PG na Capes. Queremos também consolidar os Serviços de referência e preparar a gestão da Qualidade, garantir o funcionamento e a excelência das coleções do IOC, e elaborar política de informação, comunicação e divulgação no Instituto.

Nosso segundo compromisso é Valorizar e ouvir as pessoas para isso criando uma ouvidoria interna, uma representação da Ouvidoria da Fiocruz no IOC (inclusive já iniciamos as conversas com João Quental, ouvidor da Fiocruz). Vamos criar canais de comunicação interna e promover atualização tecnológica, atualização em gestão e aperfeiçoamento docente e técnico.



Nosso terceiro compromisso é integrar e sintonizar as atividades do IOC na Fiocruz. Isso se dará no trabalho em parceria com todas as demais Unidades da Fiocruz, pois com todas estabelecemos parcerias de trabalho. Trouxe uma imagem representativa dessas parcerias, quando numa reunião do Programa Integrado de Pesquisa em Doença de Chagas da Fiocruz reconhecemos companheiros de diferentes Unidades, todos compondo a enorme competência presente na Fiocruz sobre doença de Chagas.

Isso se dará também nas lutas sindicais, em sintonia com a Asfoc, como ocorreu na recente luta pelo pagamento do precatório do plano Bresser, em que o IOC foi em peso às assembléias da Asfoc.

A sintonia se dará também na pesquisa clínica, integrando pesquisa básica e clínica, aqui nesse diapositivo representada por um dos grupos do IPEC com quem temos interação em ensaio clínico atualmente sendo conduzido com o IOC.

Mas é nas imagens das celebrações conjuntas, como ocorreu na posse coletiva hoje pela manhã, onde melhor se expressa nossa intenção e compromisso de sintonia. E as imagens da festa que vivemos com os companheiros da ENSP, no dia 4 de maio desse ano, após do resultado das eleições nas duas Unidades, habilmente idealizada por nosso companheiro comum, o Prof. Adauto. Com essa imagem prestamos também uma homenagem ao nosso companheiro Antonio Ivo, diretor da ENSP, reconduzido pelo voto direto e empossado conosco hoje pela manhã.

Finalmente, a sintonia será percebida também em todas as cooperações que o IOC implementa e implementará, bem representada por essa imagem de Cândido Portinari que nos foi enviada pelo Projeto Portinari ao se solidarizar conosco nessa campanha. Eu poderia terminar aqui, mas não posso fazer isso sem agradecer.

Quero primeiro agradecer a meus companheiros de direção, que dividirão comigo a enorme responsabilidade de honra de dirigir o Instituto e ajudar a fazer mais um pouco de nossa historia. Obrigada.

Quero também agradecer a todos os nossos companheiros de campanha, aqui representados por quatro pessoas que foram decisivas nesse processo: Wim Degrave, Leila Lima e Zé Paulo Leite, montando e organizando as primeiras reuniões de onde surgiu nossa decisão de concorrer nesse processo e de construir essa diretoria, e Otavio Pieri, sendo o quinto de nós em todas as dezenas de visitas e debates que fizemos nos departamentos do IOC ao longo dessa campanha.

Mas não foi só esse trabalho que nos trouxe a essa alegria de hoje, mas o trabalho de todos, todos os que fizeram a campanha, todos os que participaram, inclusive os colegas da chapa concorrente, com quem pretendemos trabalhar também em cooperação e sintonia.

E também não poderia terminar essa fala sem homenagear a muitas pessoas que nos ajudaram a construir o caminho até aqui.

A começar, numa homenagem a todos os orientadores, aqui representados pelos orientadores que me fizeram cientista, Dr. Raul Machado, Wanderley de Souza e Maria de Nazareth Meirelles.

Queremos homenagear também nossos cientistas que nos deixaram grandes exemplos, aqui representados pelas figuras singulares de Leônidas e Maria Deane, e ossos cientistas que ainda estão conosco nos dando grandes exemplos, como o do Prof. Lobato Paraense, outro ex-diretor do Instituto em nossa galeria de retratos, cujos 90 anos foram muito bem comemorados no ano passado.



E na imagem das mulheres gestoras no DUBC, com quem venho aprendendo e inventando gestão, queremos homenagear a todos os gestores do IOC. Elas sempre me lembram que quando se pensa em desistir, é necessário lembrar da luta que foi começar e realmente não desistir.

Queremos também homenagear a todos os servidores do IOC, por meio da nossa Associação de Funcionários, e por ela a todos os servidores da Fiocruz. Gosto particularmente dessa imagem que nos mostra que nosso contracheque espelha as lutas coletivas, e que ainda há muito a conquistar.

Com a imagem do grupo de pesquisa de minha colega de diretoria Claude Pirmez, quero prestar minha homenagem a todos os grupos de pesquisa do IOC, decisivos em nossa missão. E com a imagem de minha companheira de sempre, Solange de Castro, criadora comigo do laboratório do qual nos orgulhamos muito, quero prestar minha homenagem a todos os chefes de laboratório do IOC, mesmo os que ainda não recebem DAS, pois a estrutura organizacional do instituto ainda não foi devidamente atualizada, tarefa nossa também nessa gestão.

Nessa próxima imagem, quero homenagear a todos os doutores que formamos, representados aqui pela primeira doutora que formei, Claudia Coutinho, que por sua vez também já formou outro doutor, dando seqüência assim a essa genealogia científica. Essa imagem me é particularmente querida pois registra a participação de nosso inesquecível Prof. Zigman Brener, que foi membro da banca de doutorado de Claudia, e antes dela da minha, e da de meus orientadores Nazareth Meirelles e Wanderley de Souza, validando a genealogia.

Finalmente, quero homenagear também a todos os alunos do IOC e da Fiocruz, aqui representados pelos meus alunos, que agora já não são mais alunos, mas doutores em diversas instituições de pesquisa. Foram eles que me enviaram essa mensagem, de que os amigos nem sempre conseguem levantar você, mas fazem de tudo para não deixar você cair.

Não podia deixar de homenagear aqui a minha família, meus pais, meu marido e meus filhos, que convivem com minha obsessão pelo trabalho na Fiocruz. Meus filhos as vezes chamam o computador de Ricardão.

E quero finalizar com uma homenagem muito carinhosa a Maria de Nazareth Meirelles, responsável pela minha presença na Fiocruz, a quem dedico essa apresentação. Muito obrigada.

Encerro com um poema de Drummond, como presente meu a vocês, que nos deram esse presente que é a honra de dirigir esse Instituto pelos próximos 4 anos. Drummond nos fala de Desejos, e sobre Drummond, é melhor ler do que falar. Se a emoção permitir, vou ler esse poema para vocês tendo ao fundo o Bolero de Ravel (música, por favor).

[Desejos \(Carlos Drummond de Andrade\)](#)

[Desejo a você](#)

[Fruto do mato](#)

[Cheiro de jardim](#)

[Namoro no portão](#)

[Domingo sem chuva](#)

[Segunda sem mau humor](#)

[Sábado com seu amor](#)

[Filme de Carlitos](#)

[Chope com amigos](#)

[Crônica de Rubem Braga](#)

[Viver sem inimigos](#)

[Filme antigo na TV](#)

[Ter uma pessoa especial](#)

[E que ela goste de você](#)



Música de Tom
Com letra de Chico
Frango caipira em
pensão do interior
Ouvir uma palavra amável
Ter uma surpresa
agradável
Ver a Banda passar
Noite de lua Cheia
Rever uma velha amizade
Ter fé em Deus
Não ter que ouvir
a palavra não
Nem nunca,
nem jamais e adeus
Rir como criança
Ouvir canto de passarinho
Sara de resfriado
Escrever
Um poema de Amor
Que nunca será rasgado
Formar um par ideal
Tomar banho
De cachoeira
Pegar um bronzado legal
Aprender uma nova canção
Esperar alguém na estação
Queijo com goiabada
Pôr-do-sol na roça
Uma festa
Um violão
Uma seresta
Recordar um amor antigo
Ter um ombro sempre amigo
Bater palmas de alegria
Uma tarde amena
Calçar um velho chinelo
Sentar numa velha poltrona
Tocar violão para alguém
Ouvir a chuva no telhado
Vinho branco
Bolero de Ravel
E muito carinho meu.